

## **ENTRE-TANTOS, NO NADA...**

ALDA REGINA TOGNINI ROMAGUERA (UNICAMP).

### **Resumo**

No início era: O caos? O verbo? O nada? ..... No nada... Nonada: Nada Na Da Ada Anda Dana Ana... Dana(da) Aaaa... Que se anuncie a transgressão desta escrita, gestada na vontade de fazer funcionar imagens que pulsam no/pelo texto. Escrita que se quer despropositada, com Manoel de Barros – para quem há que se escovar as palavras, raspar delas os conceitos, descascar-lhes significados. Escrita que hesita, gagueja, rasura-se e se propõe a aceitar a palavra-pulsão, escrita-jorro que desenha pensamentos e se desenha e se avermelha e se diz, e se des-diz, e se, e, e,... Escrita que opta pela cor, que se avermelha e se assina em tons de sangue intenso, profundo; cor que se faz ressoar a modo de ritornelos... Vida que se cor-a, rubor. Ato de escovar palavras: Desenho lexical que se expressa-imprime e se quer imagem. “escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma”, pelo fora da linguagem, produzindo pensamentos em linhas de fuga, que escapam pelas bordas, duvidando, tropeçando, negando-se. Preferiria não... Devir ativo, resistência bartlebiana, dissidência imprevisível que resiste sem se opor, como se criança fosse. Des-propósitos, es-vaziamentos, in-divirtuação: prefixos que abrem uma brecha, abertura pelas potências do não, na busca pela criação de outros mundos possíveis como resistência... No compasso educacional, cavar a imensidão do vazio no tempo, como provocação, preferindo não, resistindo pela criação no espaço do entre...

### **Palavras-chave:**

escrita, resistência, criação.

Vida

deveria ser nada

sem /con-texto...

Pendurada por um fio,

varal todo ao vento...

Tempo

deveria ser

nada

com nenhum

texto Interminável

sem começo pendurado

no vento

(Kac) Visual poema, 1982 - Eduardo Kac

Lá vai a Vida,

Diva vadia:

(á)vida.

A advi(r).

Vi(n)da.

Um dia,

Lá se foi a Vida:

Ida...

Nonada:

Nada

Na

Da

Ada

Anda

Dana

Ana...

Dana(da)

Aaaa...

No início era:

O caos?

O verbo?

O nada?

.....

No nada...

Que se anuncie a transgressão desta escrita, gestada na vontade de fazer funcionar imagens que pulsam no/pelo texto. Escrita que se quer despropositada, com Manoel de Barros - para quem há que se escovar as palavras, raspar delas os conceitos, descascar-lhes significados. Escrita que hesita, gagueja, rasura-se e se propõe a aceitar a palavra-pulsão, escrita-jorro que desenha pensamentos e se desenha e se avermelha e se diz, e se des-diz, e se, e, e,... Escrita que opta pela cor, que "*se torna expressiva, [...] quando adquire uma constância temporal e um alcance espacial que fazem dela uma marca territorial ou, melhor dizendo, territorializante: uma assinatura.*" (DELEUZE & GUATTARI, 1997:105).

Escrita que se avermelha e se assina em tons de sangue intenso, profundo; cor que se faz ressoar a modo de ritornelos... Vida que se cor-a, rubor.

Ato de escovar palavras: Desenho lexical que se expressa-imprime e se quer imagem. *escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma*, pelo fora da linguagem, produzindo pensamentos em linhas de fuga, que escapam pelas bordas, duvidando, tropeçando, negando-se. Vibração que se torna pensamento em "O que é a filosofia?", com Deleuze e Guattari:

O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião - visando, esperamos, esse povo que ainda não existe.(DELEUZE & GUATTARI,1992,p.228).

*escova. eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. no começo achei que aqueles homens não batiam bem. porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso.depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. e que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. e que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. logo pensei de escovar palavras. porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado a escovar palavras. logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. eles acharam que eu não batia bem. então eu joguei a escova fora.*

(Manoel de Barros, 2007)

Preferiria não... Devir ativo, resistência bartlebiana, dissidência imprevisível que resiste sem se opor, como se criança fosse. Des-propósitos, es-vaziamentos, in-divirtuação: prefixos que abrem uma brecha, abertura pelas potências do não, na busca pela criação de outros mundos possíveis como resistência...

Esvaziamentos

Retirar excessos de sentidos, como que a descascar, limpar, escovar significados de: *Educação, Pedagogia, Cultura, Memória, Escola...* Na busca pelo esvaziamento destes vocábulos, a tentativa de abrir espaços outros, de pensar sem representar.

Adjetivar substantivos - praticar a hiatagem: compreendida enquanto prática de navegação perambulante pela vida. Exercitar um pensamento nômade, desacostumar idéias, numa posição crianceira diante da vida.

Deixar-se capturar pelos intervalos, devanear e permitir-se mergulhos de Alice nos passeios por si, ou no completamente fora de si; percorrer-se sem medo de abrir portas, de beber elixires ou de enfrentar jaguadartes, como se Lewis Carroll em Jabberwocky...

Da palavra educação, nomear os seus excessos de preenchimentos, de "comos", modos-de-fazer, que saturam de procedimentos e metodologias, pedagogias e educações.

No esvaziamento da palavra educação, a vontade de que se esvazie de:

Matéria: de papéis, leis, trabalhos escolares;

Significados: de palavras, conteúdos, explicações, currículo;

Sujeitos: de identidades, igualdades, generalidades;

Tempos: da história, do cotidiano;

Espaços: de escolas, instituições, políticas "como" coletividade do geral, generalizante...

Destaco uma fala de Marcio Doctors<sup>1</sup>, sobre concepções de *Mira Schendel*, para quem o *vazio*:

*É manifesto espacial*

*É gesto radical de afirmação de instaurar o vazio para se repensar.*

*É a energia que permite a invenção na arte*

*É uma instância ativa*

*É o outro que propicia que as coisas aconteçam no processo inventivo da arte.*

*Nesta matéria o crítico de arte - referindo-se ao projeto curatorial para a 28ª Bienal de Arte de São Paulo - defende enquanto manifesto de criação o vazio, afirmando que este não deve ser visto como o nada. O "vazio" não pode e não deve ser confundido com o nada porque é a possibilidade de tornar visível, o invisível. O vazio aqui não se em-presta de passaporte para a concretização da visibilidade do invisível, mas sim para ser a energia que se abre e que dá passagem e que permite a invenção.*

Entro por esta porta, e encontro no umbral abertura para:

Hiatar

Ex - istir

Ex - que - ser

Que se ex - vai

Re - criar

In - corporar

Des - manchar-se

No que se é

Silêncios, solidão:

Suportar ausências que o vazio provoca

Enfrentar hiatos

Des-certezas

Des-materializações

Deixar vazio

Incerto

Sem matéria

Penso esvaziamentos, e duvido:

Vou retirar, desfiando os fios?

Não...

Posto que o desfiar pressupõe atos de um tecer em ainda organizados fios; repete o mesmo que se e quando fia/desfia, apenas assume outra tecitura, não se esvazia do tecer. Antes, penso: Des-a-fiar, não fiar, aceitando o des-a-fio da criação.

Vou explodir, pulverizando, estilhaçando?

Não...

Pois que no explodir ocorre o espalhamento de algo que está contido, derramando desde dentro, assim como que se vulcânicas lavas engolfassem paisagens. Antes, penso: Esgotar, deixar vazar, mandar embora, dis-pensar, fluir, desaguar em outros lugares.

Vou implodir, desmoronando?

Não...

Que se desconstruir, derrubar serve para erguer outros edifícios, prefiro pensar: deixar escombros, suportar o nada que provoca, que abre o espaço da criação, no vazio do que antes era.

Se este antes fosse um som, escolheria esvaziar pelo momento da pausa: ritmos, respiração, fragmento de nada no preenchimento do som.

Se pudesse localizar o vazio no espaço-tempo, recolheria nas ausências do intervalo, hiatos das vontades de espera no compasso educacional. Em *A comunidade que vem* (1993), Agamben alimenta a ideia de um ser linguístico, ser-dito que é um conjunto e, ao mesmo tempo, uma singularidade, um hiato que só o artigo pode preencher, definido/ indefinindo... Falando com Deleuze:

*Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. (DELEUZE, 2002: 14).*

Entre-tempos, entre-momentos... No compasso educacional, entre tantos preenchimentos, cavar a imensidão do vazio no tempo, como provocação, preferindo não, resistindo pela criação no espaço do *entre*... Cavar no entre um espaço-temporalidade que seja do acontecimento, que pratique a resistência e trabalhe por uma educação da criação. Com Agamben, perguntar:

Mas o que significa resistir? É antes de tudo ter a força de des-criar o que existe, des-criar o real, ser mais forte do que o fato que aí está. Todo ato de criação é também um ato de pensamento, e um ato de pensamento é um ato criativo, pois o pensamento se define antes de tudo por sua capacidade de des-criar o real. (AGAMBEN, 1998)<sup>2</sup>

Capacidade des-criadora do real na linguagem, pelo fora da linguagem, como que se fizesse resistência pelo pensamento. Resistir pelo fora da palavra educação, provocando seu esvaziamento pelo pensamento, des-criando-a. No pensamento, abrir brechas para uma educação-invenção, esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontro.

## Notas:

1. Marcio Doctors, Especial para a Folha, Cad. Folha Ilustrada, 14/11/2007. Disponível em: [forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.imprensa](http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.imprensa).

2. Citado por Peter Pál Pelbart em: *A potência de não: linguagem e política em Agamben*. In: <http://www.rizoma.ne>.

## **Bibliografia**

AGAMBEN, Giorgio. *A imanência absoluta*. In: ALLIEZ, Éric (Org.) Gilles Deleuze, uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 169-92.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993.

AGAMBEN, Giorgio. *Image et mémoire*. Paris, ed. Hoëbeke, 1998.

ALLIEZ, Éric. *Deleuze - Filosofia Virtual*. São Paulo: Editora 34, 2006.

ALMEIDA, Julia. *Estudos Deleuzeanos da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas - A infância*. São Paulo: Planeta, 2007.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4, coleção TRANS. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 1ª Edição. Rio de Janeiro: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... In: gilles Deleuze. *Revista Educação e Realidade*, v.27, no2, jul/dez 2002, p. 10-7.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

